

CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ COMO ALTERNATIVA DE
PREVENÇÃO AO *BULLYING*: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE
FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA DA REGIÃO NORTE EM CAXIAS DO SUL

Flávia Vasata Furtado

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Psicologia – Ênfase em Saúde Comunitária – sob orientação da
Profa. Ms. Ângela Carina Paradiso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Porto Alegre, março/2012

SUMÁRIO

Resumo.....	3
Capítulo I	
Introdução	4
1.1 Conceito de <i>Bullying</i>	4
1.2 Estratégias de Intervenção.....	6
1.3 Círculo de Construção da Paz.....	11
Capítulo II	
Relato de Experiência	16
2.1 Caracterização do Local da Intervenção.....	16
2.2 Elaboração da Intervenção	17
2.3 Objetivos.....	18
2.4 Participantes.....	18
2.5 Procedimentos.....	18
2.5.1 Apresentação do Filme.....	19
2.5.2 Cerimônia de Abertura.....	19
2.5.3 Orientações.....	20
2.5.4 Questões Norteadoras e Reflexão sobre o filme.....	21
2.5.5 Cerimônia de Fechamento do Círculo.....	24
Capítulo III	
Discussão.....	25
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	29
Referências.....	31

RESUMO

Chama atenção o número crescente de diferentes tipos de violência que acometem o ambiente escolar, sendo que o *bullying* é uma destas violências que vem se destacando cada vez mais nas escolas e em outras instituições. Com a abrangência deste fenômeno, torna-se ainda mais difícil encontrar alternativas para prevenir e reduzir o *bullying* nas escolas e/ou instituições, uma vez que este é um fenômeno complexo que envolve diversas variáveis, sendo assim um desafio para os estudiosos e pesquisadores. Por isto, torna-se cada vez mais importante que se pense em estratégias que acabem dando conta desta violência, para que a escola cumpra seu papel de ambiente socializador e de inclusão, onde as diferenças possam ser respeitadas. É nesta direção que o presente trabalho se insere, buscando através de um relato de experiência sobre o Círculo de Construção da Paz, como intervenção frente ao fenômeno do *bullying*, contribuir na ampliação de estratégias para a prevenção e redução desta violência. Este trabalho apresenta o processo de formulação e implementação, e descreve os resultados alcançados e a avaliação dos mesmos. A experiência relatada ocorreu em um Centro de Formação para a Cidadania da Região Norte de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, que atende adolescentes de 12 a 17 anos, em situação de vulnerabilidade social. Pode-se pensar que a partir desta experiência possam surgir ações de combate ao *bullying*, sendo o Círculo de Construção da Paz uma possível alternativa frente a este fenômeno.

Palavras-chave: *Bullying*; Círculo de Construção da Paz; Avaliação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo apresentar o relato de experiência de uma intervenção frente ao fenômeno do *bullying*. A estratégia descrita é o Círculo de Construção da Paz, metodologia que busca uma conexão entre os envolvidos de forma igualitária, em um espaço seguro e respeitoso.

Para isto, será apresentado inicialmente o conceito de *bullying*, assim como as estratégias de intervenções, descritas em artigos, frente a esta violência, para posteriormente descrever sobre os Círculos de Construção da Paz. Num segundo momento, será relatada uma experiência de Círculo de Construção da Paz frente ao *bullying*, em um Centro de Formação para a Cidadania da Região Norte de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul e de que forma se deu a avaliação desta atividade.

1.1 Conceito de *bullying*

O cenário social contemporâneo vem sendo marcado pela exacerbação da violência em diferentes níveis e formas, integrando o cotidiano dos indivíduos e instituições, quer como sujeitos promotores/vítimas, quer como expectadores reais, virtuais, ou expostos à ampla difusão da informação e de modelos propostos pela mídia (Pino, 2007). No ambiente escolar esse fenômeno também se mostra presente, um número crescente de diferentes tipos de violência acomete esse contexto, refletindo todas as nuances que cruzam as expressões da violência familiar e social. Nestes espaços são manifestadas violências contra a pessoa, à instituição, ao patrimônio, incivildades e inseguranças (Camacho, 2001), sendo que uma das manifestações de violência que vem se destacando é o *bullying*.

Não se sabe ao certo se este tipo de violência é contemporâneo, novo ou se ele sempre existiu, entretanto, nas últimas duas décadas, tem atraído a atenção de estudiosos e pesquisadores. Pesquisadores em cultura de língua portuguesa referem-se ao *bullying* como maus tratos entre os pares ou vitimização (Lisboa, Braga & Ebert, 2009). Dan Olweus, um professor da Noruega, iniciou suas pesquisas deste tipo de relação entre os pares na década de 1970, embora não houvesse interesse das instituições escolares sobre este assunto (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

Entretanto, as autoridades, os profissionais escolares e a mídia passaram a dar mais importância ao fenômeno do *bullying*, quando em 1982, na Noruega, três alunos com idades de 14 anos cometeram suicídio, podendo estes atos estarem relacionados à

vitimização que sofriam. No ano seguinte, o Ministério de Educação da Noruega criou uma campanha para combater o *bullying* nas escolas (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

Assim, estas atitudes agressivas, que antes eram consideradas corriqueiras e normais, mas que sempre existiram, sofreram uma nova análise, sendo observadas e investigadas de forma mais cuidadosa, devido às graves conseqüências, emocionais e cognitivas, que implicavam aos envolvidos (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

A partir da década de 1990 foram realizados estudos científicos e aprofundados sobre o assunto por diversos pesquisadores (Almeida & Del Barrio, 2002; Pepler, Craig, Jiang & Conolly 2008; Rigby, 1996; Salmivalli, Lagerspetz, Björkqvist, Österman & Kaukiainen, 1998; Smith, Cowie & Blades, 2004, apud Lisboa, Braga & Ebert, 2009), sendo que no Brasil, os primeiros estudos foram realizados em 2000 (Fante, 2005; Lisboa, 2005; Lopes Neto, 2005b). Estes estudos deram mais ênfase na prevalência, e nos riscos que esta violência causa para o desenvolvimento pessoal e social e para as instituições escolares como um todo (Lisboa, Braga & Ebert, 2009). Porém pesquisas e iniciativas de prevenção e intervenção ao *bullying* são consideradas recentes (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

O *bullying* (do inglês *bully* = valentão, brigão) é definido como um tipo de violência praticado nas escolas, que corresponde a atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sem motivação evidente contra um ou mais estudantes, causando angústia numa relação desigual de poder (Abramovay & Rua, 2003; Estrela, 2002; García & Madriaza; 2006; Liberal, Aires, Aires & Osório, 2005). Suas manifestações podem ser através da agressão física e verbal, assim como pela agressão psicológica e a exclusão (Liberal et al., 2005). A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (IBGE, 2009), que investigou variadas informações sobre a vida dos estudantes das capitais brasileiras, apontou que esse tipo de violência é causada por um ou mais escolares em relação aos outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação, discriminação, entre outros. Os diversos tipos de violência e maus tratos entre os colegas serão considerados *bullying* quando a frequência mínima for de três a seis ataques durante o ano letivo (Pereira, 2002; Pizarro & Jiménez, 2007; Plan, 2009).

Os dados obtidos pela Plan (2009) mostram que quanto mais repetitivos os atos de maus tratos contra um aluno, mais tempo dura este tipo de violência. Isto demonstra que a repetição das ações de *bullying* fortalece a iniciativa dos agressores, dificultando as defesas das vítimas, mostrando ser primordial a identificação rápida deste tipo de ação, assim como intervenções de repúdio e contenção frente a este fenômeno.

Martins (2005) identifica o *bullying* em três tipos: (1) direto e físico, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou ameaças desses itens; (2) direto e verbal, que inclui insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários preconceituosos ou que digam respeito a qualquer diferença do outro; e (3) indireto, que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas, ameaças de exclusão para obter algum favorecimento e a manipulação da vida social do colega.

Ainda existe uma nova forma de intimidação, o *cyberbullying*, que se utiliza do ambiente virtual, como celulares, internet, para a realização desta violência. O tipo de agressão mais freqüente é o envio de e-mails maldosos, sendo realizado com maior freqüência pelos alunos do sexo masculino (Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Plan, 2009).

Desta forma, como instância intermediadora entre a socialização primária dos sujeitos e sua inserção efetiva na sociedade, a escola desempenha papel crucial na adoção de medidas que possam intervir nos rumos das relações humanas. É nesta direção que se torna essencial pensar e discutir medidas de prevenção e intervenção frente ao *bullying*, buscando promover a convivência em um ambiente mais saudável.

1.2 Estratégias de intervenção

Como o estudo do *bullying* é recente no Brasil, os esforços para compreendê-lo e propor intervenções mais articuladas com a realidade do país ainda não são muito significativas (Plan, 2009). No Brasil, Políticas Públicas voltadas especificamente à prevenção do *bullying*, são ainda inexistentes. Entretanto, este fenômeno já está sendo considerado um problema de Saúde Pública, havendo algumas intervenções em escolas, discussões e debates sobre o assunto (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

De acordo com a Pesquisa: *Bullying* Escolar no Brasil (Plan, 2009), muitas escolas ainda possuem dificuldades em lidar com a situação do *bullying*, não apresentando nenhuma ação de amplo alcance. Por isto, salienta-se a importância de novas propostas de intervenções frente a este fenômeno, que infelizmente vem ganhando forças em todo país.

Ao investigar mais de perto a realidade escolar, o estudo realizado pela Plan (2009) verificou que as escolas não estão preparadas para eliminar ou reduzir a ocorrência do *bullying*. Elas não contemplam procedimentos de prevenção, controle e correção da violência em seu ambiente, sendo isto muito mais que omissão, ou dificuldades de instrumentalização e/ou capacitação, uma vez que muitas instituições

consideram que este tipo de problema e sua solução não lhe dizem respeito (Plan, 2009). Há um despreparo para lidar com a violência nos meios educacionais, que é negada ou vista como “normal” entre os educadores. Existe pouca conscientização e ausência de um pensamento crítico quanto ao *bullying* (Toro, Neves & Resende, 2010). Entretanto, enquanto instituição educadora, a escola não pode ser omissa frente a este fenômeno, ela deve comprometer-se com este assunto, buscando sempre atualizar-se e agir de forma eficiente na prevenção e combate ao mesmo (Lemos, 2007).

A intervenção dos profissionais da educação frente ao fenômeno do *bullying* é decisiva quanto às atitudes e comportamentos de todos os envolvidos neste processo, isto é, vítimas, agressores e testemunhas (Lemos, 2007). Caso esta intervenção seja adiada, ela poderá ser prejudicial tanto ao indivíduo, quanto ao grupo que o cerca (Lemos, 2007), estendendo-se a instituição familiar, a esfera social, provocando complicações nas diversas áreas de funcionamento deste indivíduo (Calbo, Busnello, Rigoli, Schaefer & Kristensen, 2009; Lemos, 2007).

Intervenções corretivas ou terapêuticas que focalizem apenas o indivíduo, sem trabalhar seu contexto de vida e suas relações, são ineficientes. Cada vez mais, estudos demonstram que ações multidisciplinares que envolvem vários níveis de prevenção (jovem, família, escola) são intervenções eficazes quanto ao fenômeno do *bullying* (Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Moura, Cruz & Quevedo, 2011). Por isto, a importância de que os comportamentos agressivos dos alunos sejam combatidos na escola, e que seja enfatizado nas intervenções o contexto e as mais diversas esferas deste indivíduo, realizando assim um diagnóstico da realidade local (Calbo et al., 2009; Mendes, 2011). Características sociais, econômicas e culturais devem ser levadas em conta quando existir promoções de estratégias frente ao *bullying* (Lopes Neto, 2005a).

Programas *anti-bullying* devem envolver todos os níveis educacionais, pais, professores, funcionários e alunos, buscando estabelecer normas, diretrizes e ações, sendo importante a participação dos alunos na supervisão e intervenção de ações de *bullying* (Lopes Neto, 2005a). Estes programas devem também conscientizar os envolvidos acerca do problema, para assim buscar ações de enfrentamento (Tortorelli, Carreiro & Araújo, 2010). A proximidade e o comprometimento dos pais com a escola é necessária e de grande importância, para que haja conscientização dos pais frente à problemática da violência e do *bullying*, podendo ajudar a escola frente à orientação dos seus filhos (Lemos, 2007; Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Mendes, 2011).

Os trabalhos realizados com os pais e comunidade podem contribuir ainda para o estímulo e treinamento de resolução de conflitos interpessoais, como é o *bullying*, de forma mais saudável (Lisboa, Braga & Ebert, 2009). Além disto, o trabalho junto à escola pode colaborar para o debate frente a este assunto e impedir a banalização de valores morais importantes à convivência benéfica em grupo (Lisboa, Braga & Ebert, 2009). A intervenção com as famílias e os jovens pode ser desenvolvida a partir de encaminhamentos de vítimas e agressores para clínica-escola ou consultórios psicológicos particulares e/ou psicoeducação focal (Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Toro, Neves & Resende, 2010).

Toro, Neves e Resende (2010) também falam da importância da sensibilização e do envolvimento da comunidade escolar em relação à compreensão, e elaboração de ações criativas e bem contextualizadas, que auxiliem na prevenção e redução do *bullying*. Estas autoras apontam a relevância dos profissionais em compreender este fenômeno, sendo essencial capacitar escolas e outras instituições educacionais, assim como os próprios familiares. É destacada a importância da parceria com as famílias e outros profissionais para a realização destas ações (Calbo et al., 2009).

A sensibilização e a capacitação de todos para lidar com o fenômeno do *bullying* torna mais fácil a sua identificação, contribuindo assim para o rompimento desta violência (Lopes Neto, 2005a; Mendes, 2011). Entretanto, o que se observa é que este fenômeno vem crescendo nas escolas, e mesmo assim ainda há poucas informações sobre este assunto à comunidade escolar, o que acaba dificultando a sua prevenção (Tortorelli, Carreiro & Araújo, 2010).

Para que os profissionais da educação possam lidar e resolver efetivamente os casos de *bullying*, devem se interessar e buscar o conhecimento de estratégias de intervenção e prevenção, sendo as capacitações um meio para a aquisição deste conhecimento (Lopes Neto, 2005a). Nestas capacitações acredita-se ser necessário o conhecimento das características comportamentais daqueles que são alvos de agressões e intimidações, isto é, das vítimas, para que a partir disto, os profissionais também desenvolvam ações voltadas a sua proteção (Moura, Cruz & Quevedo, 2011). Assim como, a busca de cooperação de outras instituições, como centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social (Lopes Neto, 2005a).

Através de capacitações, aperfeiçoamento de estratégias de manejo, os profissionais da educação poderão agir de forma mais segura, buscando a modificação do comportamento e dos pensamentos dos agressores, e não o reforço destas atitudes

(Calbo et al., 2009). É claro que este é um trabalho incessante, mas pode prevenir a solidificação de um comportamento que causa danos a todos os envolvidos (Calbo et al., 2009).

Ações de prevenção nas instituições que tenham como objetivo a garantia da saúde e a qualidade da educação são necessárias (Calbo et al., 2009). Estas ações podem ser de diferentes tipos, como o desenvolvimento de palestras, campanhas, trabalhos específicos (Lemos, 2007), treinamentos através de técnicas de dramatizações, para a aquisição de habilidades para lidar de diferentes formas (Lopes Neto, 2005a).

Fante (2005) destaca ações relacionadas: a reflexão sobre valores humanos, como ética, cidadania e moral; a valorização do diálogo, do respeito e das relações de cooperação; a criação de um serviço de denúncia de *bullying*; a criação de um estatuto contra este fenômeno e os encontros com as famílias. Ações de prevenção consideradas positivas estão relacionadas à satisfação das necessidades básicas dos alunos, na tentativa de desenvolver um ambiente mais cooperativo, estimulando relações de amizades positivas, a solidariedade, o respeito às diferenças, e apresentando modelos de resolução de conflitos não agressivos (Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Lopes Neto, 2005a).

De acordo com pesquisa realizada por Toro, Neves e Resende (2010) a violência na escola está baseada em relações de poder, mantidas pelo autoritarismo, ausência de diálogo, sendo estes elementos que potencializam o fenômeno do *bullying*. Desta forma, entende-se que as intervenções contra o *bullying* devem ser pautadas em princípios de tolerância e respeito, criação e desenvolvimento (Toro, Neves & Resende, 2010).

Lisboa, Braga e Ebert (2009) falam sobre a importância de se educar os sentimentos, sua expressão e manejos. Acreditam que a escola deve ensinar além do conteúdo regular, a lidar com suas emoções e com suas dificuldades, a respeitar as diferenças e conviver com elas, a socializar, a dividir, a compartilhar, a canalizar sua agressividade, se relacionar de forma mais saudável, sendo isto o que não ocorre nos episódios de *bullying*. As ações frente ao *bullying* devem ser amparadas por relações de confiança, dando ênfase na relação, no vínculo e não apenas no conteúdo a ser ministrado pelos professores (Toro, Neves & Resende, 2010).

Orientações sobre medidas de proteção, como ignorar os apelidos, fazer amizades com colegas não agressivos, evitar locais de maior risco e informar ao professor ou responsável sobre o *bullying* sofrido são formas de prevenção de futuros incidentes (Lopes Neto, 2005a). Estas orientações são de grande relevância, uma vez

que se observa que tanto as vítimas quanto os agressores não recebem o apoio necessário e adequado, das escolas, para prevenção de novas ações (Calbo et al., 2009). Desta forma, as intervenções referentes ao *bullying* devem priorizar o apoio psicossocial a agressores e vítimas, assim como a conscientização dos primeiros sobre a incorreção de seus atos, para proporcionar um ambiente mais saudável e seguro, sendo estas medidas de prevenção para esse fenômeno (Lopes Neto, 2005a; Tortorelli, Carreiro & Araújo, 2010). Grupos de apoio também é uma estratégia de proteção aos alvos e solução das situações de *bullying* (Almeida, Cardoso & Costac, 2009; Lopes Neto, 2005a).

Aos alunos autores de *bullying* devem-se promover o desenvolvimento de comportamentos mais amigáveis e sadios, ao invés de ações punitivas, como castigos, suspensões ou exclusão do ambiente escolar, que acabam marginalizando os indivíduos (Lopes Neto, 2005a). Como forma de prevenção e fonte de apoio à vítima de *bullying*, Sapouna et al. (2009 apud Tortorelli, Carreiro & Araújo, 2010) criaram uma rede virtual chamada *Fearnot!*, voltada para jovens estudantes do ensino fundamental, como forma de prevenção, ao ensinarem estratégias para as vítimas se prevenirem do *bullying*. De acordo com os autores, após a implementação deste ambiente virtual nas escolas houve uma diminuição da vitimização.

Em Portugal, um programa considerado eficaz para a redução do *bullying* previa a sensibilização de professores, a oferta de materiais lúdicos na hora do recreio e maior supervisão por adultos (Mendes, 2011). Este Programa antiviolença buscou intervir em toda comunidade escolar, isto é, professores, família, turmas e indivíduos, na resolução de problemas e na criação de medidas de não tolerância da violência. Em relação aos professores, foram abordadas estratégias e técnicas de promoção de competências sociais para redução da violência, para serem utilizadas em sala de aulas, incentivando uma interação social mais saudável. Neste Programa buscou-se também a sensibilização das famílias em relação ao *bullying* (Mendes, 2011).

Mendes (2011) relatou que com as turmas foram realizados grupos para o treinamento de competências, buscando modificar os comportamentos menos positivos dos estudantes. Foram utilizadas técnicas de reforço positivo, reforços sociais e materiais, modelamento, extinção e reforço diferencial do comportamento alvo, técnicas de autocontrole, *role-playing* e o jogo dirigido. Além disto, estudantes agressores e/ou vítimas foram acompanhados por uma psicóloga, que se utilizou de técnicas de aconselhamentos. Após a intervenção deste Programa observou-se uma redução

significativa das atitudes de agressão e um aumento significativo dos alunos que as denunciaram imediatamente aos adultos, demonstrando a eficácia destas ações no contexto português.

Desta forma, entende-se que as ações referentes ao *bullying* devem ser continuadas, uma vez que este fenômeno é complexo e de difícil solução. Elas podem ser incluídas no cotidiano escolar, como temas transversais em todos os momentos da vida escolar (Lopes Neto, 2005a), devendo ser refletidas e discutidas durante todo o processo educativo, respeitando a singularidade de cada local e de cada indivíduo.

Diante do exposto, uma metodologia que poderia ser utilizada para prevenção ao *bullying* é o Círculo de Construção da Paz. Uma vez que, oportuniza a todos um espaço de fala e escuta com respeito às diferenças, promovendo maior conexão e inclusão dos envolvidos.

1.3 Círculo de Construção da Paz

O Círculo de Construção da Paz é uma nova forma de reunir as pessoas, chegar a um entendimento mútuo, fortalecer relacionamentos e resolver problemas grupais (Pranis, 2010). Ele se inspira na tradição dos índios norte-americanos, que se utilizavam de Círculos de Diálogo para discutir questões comunitárias importantes. Estes índios usavam ainda um objeto chamado bastão da fala, que é passado por todos integrantes do grupo, sendo que aquele que o detém tem o direito de falar, devendo ser escutado com respeito por todos (Pranis, 2010).

Esta metodologia pode ser associada ao Círculo de Cultura de Freire (2004), em que o diálogo em círculo, em colaboração, permite a re-elaboração do mundo, emergindo uma consciência crítica, onde os participantes extrojetam, pela força catártica da metodologia, seus sentimentos, suas opiniões: de si, dos outros e do mundo.

No Círculo de Cultura, o aprendizado se dá por reciprocidade de consciências, não havendo um professor que ensina, mas sim, um coordenador que busca dar as informações solicitadas pelos participantes e propiciar condições adequadas para a dinâmica grupal, buscando não intervir diretamente no diálogo (Freire, 2004). Nos Círculos de Construção da Paz, o facilitador participa de todo o processo, podendo expressar suas opiniões, contar suas histórias, o que lhe aproxima muito do outro, sendo um igual, o que acaba proporcionando uma abertura para a verdade e sinceridade.

Os Círculos vêm sendo utilizados na sociedade contemporânea por mais de trinta anos, como exemplo na justiça criminal, partindo do trabalho em Yucon, Canadá, na

década de 1990 (Pranis, 2010). Eles foram iniciados no contexto de vara criminal, através dos Círculos Restaurativos, mas logo foram sendo expandidos para outros contextos como escolas, locais de trabalho, igrejas, famílias, entre outros, sendo mais recente a sua utilização em contextos públicos. Os Círculos são de grande importância para as práticas restaurativas, podendo ser aplicadas em várias áreas, por promoverem o encontro de seres humanos em sua essência e na expressão da verdade (Pranis, 2010).

Existem diferentes modelos de Círculos, devido à ampliação de diversos tipos de problemas e a forma de enfrentá-los. Eles são diferenciados de acordo com suas funções: Círculo Restaurativo, Círculo de Diálogo, de Compreensão, de Restabelecimento, de Sentenciamento, de Apoio, de Construção do Senso Comunitário, de Resolução de Conflitos, de Reintegração e de Celebração (Pranis, 2010).

O Círculo Restaurativo é muito utilizado para lidar com diferentes tipos de conflitos e violência. Ele reúne de forma voluntária e pacífica partes envolvidas em conflitos, quando o ofensor assume a autoria de um dano e aceita encontrar a vítima. Participam também pessoas da comunidade onde ocorreu o fato, indicado pelas partes (Araújo, 2010). Com o auxílio do facilitador, os participantes, principalmente os envolvidos, poderão falar sobre o fato ocorrido e expressar seus sentimentos. A partir disto, se buscará um acordo, em consenso, para que seja reparado o dano causado, proporcionando uma melhor convivência entre as partes envolvidas (Araújo, 2010).

Desta forma, este tipo de Círculo acontece quando um fato está instaurado e pode progredir, como é o caso do *bullying*. Os Círculos Restaurativos podem ser considerados ações de prevenção secundária, que busca prevenir a evolução do problema, restringindo a sua duração e seu efeito (Neiva-Silva & Carvalho, 2007).

Como forma de compreender algum aspecto de um conflito ou situação difícil, como é o fenômeno do *bullying*, um tipo de Círculo que pode ser adequado para esta função é o de Compreensão. Uma vez que seu propósito é conhecer o contexto e as causas de um determinado comportamento, para preveni-lo. Esta metodologia do Círculo de Compreensão busca reduzir, e não curar determinado problema, sendo uma prevenção de nível primário, buscando a promoção e a manutenção da saúde e do bem-estar (Neiva-Silva & Carvalho, 2007). Desta forma, pode prevenir a ocorrência de novos fenômenos, como o do *bullying*, evitando-se o seu agravamento. Os Círculos permitem e estimulam a reflexão sobre o comportamento destacado, ouvindo e respeitando todas as vozes dos indivíduos (Pranis, 2010).

Todos os Círculos são compostos por elementos estruturais intencionais que funcionarão como guia de seu funcionamento (Pranis, 2010). O primeiro elemento que compõe o Círculo é a Cerimônia que é realizada tanto na abertura quanto no fechamento do Círculo. Este elemento busca marcar o Círculo como um espaço sagrado, onde os participantes possuem uma presença distinta de outros encontros. O bastão da fala é um elemento onde somente a pessoa que o detém pode falar, passando por todo o Círculo sequencialmente. Este recurso promove a manifestação das emoções, escuta mais profunda e reflexão cuidadosa (Pranis, 2010).

Outro elemento de grande importância para o funcionamento do Círculo é o facilitador, que ajuda o grupo a criar e manter um espaço coletivo, onde cada participante pode sentir-se seguro para falar abertamente, sem desrespeitar ninguém (Pranis, 2010). Ele supervisiona a qualidade deste espaço e estimula as reflexões do grupo através de perguntas ou pautas. O papel do facilitador não é de neutralidade, ele participa de todo o processo e pode oferecer seus pensamentos, ideias e histórias. As orientações, também elemento do Círculo, são criadas pelos participantes de como irão se comportar durante o diálogo no Círculo, buscando sempre um comprometimento mútuo (Pranis, 2010). Por fim, há o processo decisório consensual, onde as decisões tomadas no Círculo são por consenso. Isto não significa que todos terão a mesma vontade em relação à determinada decisão, mas devem apoiar a sua implementação (Pranis, 2010).

Os processos do Círculo buscam através do contar histórias, que as pessoas se aproximem das vidas uma das outras, por meio de suas histórias significativas e trocas honestas sobre questões difíceis e experiências dolorosas, num ambiente de respeito, de igualdade e atenção amorosa entre todos (Pranis, 2010). Neste espaço, todos são acolhidos, não importando os atos que cometeram, ou aquilo que sofreram, pois todos estão em uma posição de igualdade. Desta forma, pode-se pensar que através destas trocas, adolescentes possam refletir sobre seus atos, podendo haver a diminuição desta violência que é o *bullying* e até mesmo um maior número de denúncias deste fenômeno, prevenindo assim contra novas ações.

Isto, infelizmente, é o oposto a alguns procedimentos adotados pelas escolas para lidar com o fenômeno do *bullying*, que ainda está ligado a forma de coação ao aluno, como a suspensão e a conversa com os pais, culpabilizando de certa forma, o aluno e a sua família (Plan, 2009). A literatura demonstra que este tipo de procedimento não implica em resultados satisfatórios, sendo necessários que os programas de

prevenção sejam mais voltados aos grupos (escolas, turmas, familiares, entre outros) do que simplesmente a indivíduos (Martins, 2005; Plan, 2009).

Desta forma, os Círculos de Construção da Paz podem ser uma importante metodologia de prevenção frente ao *bullying*, uma vez que neste procedimento, todos são igualmente responsabilizados, proporcionando sentimentos de igualdade e respeito. Onde é valorizada a contribuição de cada participante, não sendo um único indivíduo culpabilizado, pois o *bullying* não é um fenômeno individual, que ocorre apenas no ambiente da escola, mas atinge também a coletividade e os padrões de convívio social (Plan, 2009).

Os Círculos promovem a conscientização dos agressores, uma vez que eles têm a chance de escutar as vítimas, e sobre os males que suas atitudes causaram-lhe, e através das histórias de cada pessoa, desenvolver a empatia, colocando-se no lugar do outro. No Círculo todos também têm a oportunidade de escutar os próprios agressores, frente aos motivos que os levam a terem tais comportamentos, buscando sempre encontrar alternativas para a diminuição destas ações, dando apoio aos envolvidos e criando um espaço para que as vítimas sintam-se protegidas, e todos acolhidos. Almeida, Cardoso e Costac (2009) destacam a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos, como uma intervenção eficaz, vista como uma forma de prevenir novas ações deste tipo.

Observando as estratégias trazidas pela literatura como eficazes, nota-se que os Círculos podem ser de grande valia como forma de prevenção e resolução de conflitos. Uma vez que este método tem como um dos objetivos estabelecer uma conexão entre os membros, buscando explorar as diferenças, oportunizando a todos de igual forma a participar, falar e ser ouvido sem interrupção (Pranis, 2010). Desta forma as diferenças são respeitadas, o que é de grande importância quando se tratamos de um assunto onde há tanta discriminação e intolerância, como é o *bullying*.

De acordo com Pranis (2010), a experiência com Círculos têm demonstrado que os jovens respondem muito bem a este método, aprendendo a agir de acordo com os valores vivenciados. Os resultados desta metodologia em escolas vêm sendo positivos, como forma de resolução de conflitos, de comportamento, de reflexões e trocas de experiências.

O Círculo de Construção da Paz é uma possível estratégia frente ao *bullying*, assim como é diante de outros fenômenos, uma vez que se torna um espaço de escuta e respeito pelo outro, pelas diferenças, sendo a ausência destes valores, muitas vezes, a

causa deste fenômeno. É por isto que os Círculos podem ser uma alternativa de prevenção ao *bullying*, como forma de reflexão e trocas de histórias sobre o tema, além da sensibilização diante deste fenômeno, buscando a prevenção de novos atos. Desta forma, este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de uma experiência do Círculo de Construção da Paz como estratégia frente ao *bullying*, buscando a sua prevenção e redução no Centro de Formação para a Cidadania da Região Norte de Caxias do Sul.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nesta seção será apresentado um relato de experiência de uma intervenção que utilizou o Círculo de Construção da Paz como possível forma de prevenção ao fenômeno do *bullying*. Esta estratégia teve como objetivo prevenir e reduzir esta violência em um Centro de Formação para a Cidadania da Região Norte que atende adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

2.1 Caracterização do Local da Intervenção

O Círculo abaixo descrito foi desenvolvido no Centro de Formação para a Cidadania da Região Norte de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, sendo este um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Fundação de Assistência Social (FAS), que é o órgão gestor da Política Pública de Assistência Social do município. Esta entidade de Administração Indireta do Poder Executivo Municipal possui personalidade Jurídica de Direito Público.

O serviço atende, em turno inverso ao da escola, adolescentes de 12 a 17 anos, em situação de vulnerabilidade social, em especial aqueles decorrentes de situações de pobreza, da fragilidade da família no papel de adultos responsáveis, de negligência, de abuso sexual, de maus tratos físicos e psicológicos e do trabalho infantil.

O Centro de Formação busca assegurar espaços de referência para o convívio grupal e social, desenvolvendo as relações afetivas, solidárias e de respeito. O Serviço tem como foco a garantia de direitos e a participação cidadã, desenvolvendo o protagonismo e autonomia destes adolescentes.

São atendidos em média 20 adolescentes no turno da manhã e 40 adolescentes no turno da tarde, que residem em bairros como: Santa Fé, Vila Ipê, Belo Horizonte, Cândia, entre outros. Estes participam de oficinas como informática, esporte, lazer, dança, além de terem acompanhamento pedagógico e psicológico. Recebem ainda alimentação saudável, como o café da manhã, almoço e lanche da tarde.

A equipe é composta pela coordenadora do local, com formação em pedagogia, 1 orientador social, formado em Educação Física, 1 pedagoga, 1 psicóloga, além dos facilitadores de oficina de Educação Física, Informática e Dança. Conta ainda com 2 estagiários da área de licenciatura, 1 profissional da cozinha e outra da limpeza.

A casa onde funciona o Centro possui dois andares, na parte de baixo existem três salas, sendo que em uma foi montada uma academia para os adolescentes, com equipamentos conseguidos pelos profissionais. Há ainda dois banheiros, um feminino e outro masculino, com acesso por fora da casa. No andar de cima localiza-se a cozinha, o refeitório e uma sala onde funcionará um Telecentro, que é um Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades do Governo Federal. Neste andar existe ainda uma sala da coordenadora e dos profissionais. Há um sótão, onde foi feita uma sala de vídeo e uma biblioteca. O espaço externo apresenta muitas árvores e um campo de areia, onde são desenvolvidas atividades esportivas. Comumente são usados espaços da comunidade para a realização de algumas atividades, como o campo do bairro para os esportes e o salão paroquial para a dança.

A zona norte de Caxias do Sul, onde localiza-se o Centro, fica em uma região periférica do município, com muitas famílias que migraram de vários locais do Estado. Ela é caracterizada por ser uma região vulnerável à violência, como homicídios, tráfico de drogas, entre outros, sendo isto relatado pelos próprios moradores e havendo constantemente registros em jornais do município sobre estes fatos.

2.2 Elaboração da Intervenção

A necessidade de refletir e intervir sobre o *bullying* partiu da coordenadora e da pedagoga do Centro, que assistiram ao filme “*Bullying*” (2009, 89min.) e consideraram relevante discutir sobre este assunto, uma vez que observavam comportamentos dos adolescentes semelhantes aos do filme. Além disto, a coordenadora sugeriu a utilização do Círculo como ação para esta discussão, por ser esta uma metodologia que estava estudando. Os profissionais já tinham conhecimento sobre esta metodologia, que foi explicada pela própria coordenadora.

Antes de iniciar o Círculo, os profissionais que não haviam assistido ao filme o fizeram, e também consideraram um assunto importante a ser discutido. Após, foi debatido entre o grupo o conceito de *bullying*, o grau de conhecimento que eles tinham em relação a este assunto, associando sempre ao filme, e as suas observações frente a isto. Neste momento, eles relataram a impaciência e agressividade entre os jovens, as constantes e repetitivas brigas, a falta de respeito entre eles e a colocação de apelidos. Os próprios profissionais relataram dificuldade em agir durante estas situações. Além disto, foram desenvolvidas pela coordenadora, a pedagoga e a psicóloga, questões norteadoras para a realização do Círculo. Neste momento, também foi realizado a

escolha do bastão da palavra pela equipe, que considerou o espelho um objeto simples, mas com um grande significado para ação.

2.3 Objetivos

A intervenção do Círculo de Construção da Paz teve como objetivo geral contribuir para a prevenção e redução do *bullying* no Centro de Formação para a Cidadania. Para isto teve como objetivos específicos: promover a sensibilização e conscientização sobre o *bullying*, através do Círculo de Construção da Paz; refletir sobre as atitudes e conseqüências que este tipo de violência causa aos indivíduos e modificar as atitudes agressivas, de intolerância e desrespeito dos adolescentes do Centro.

2.4 Participantes

O Círculo aconteceu no turno da manhã e contou com a participação de aproximadamente 12 adolescentes, com idades de 12 a 17 anos, que estavam presentes no Centro de Formação naquele dia. Cinco profissionais do Centro de Formação também participaram, dentre eles, o professor de educação física, a psicóloga, a pedagoga, o estagiário de educação física e a coordenadora do local. Esta última possui formação em processos circulares de Kay Pranis, sendo a facilitadora do Círculo. Neste Círculo, a psicóloga atuou como co-facilitadora, contribuindo com algumas intervenções, colaborando com a organização e realização do Círculo.

Pranis (2010) relata ser preciso treinamento e trabalho pessoal de cura para tornar-se um facilitador de um Círculo que irá tratar de conflitos interpessoais, traumas e decisões grupais difíceis. Mas para facilitar um Círculo de Diálogo, a autora descreve não ser necessário treinamento formal, uma vez que não busca um consenso e nem sanar problemas graves de relacionamento. Este Círculo propõe que todos possam falar sobre determinado assunto, entendendo que a partir das diferentes opiniões, possa haver um aumento da compreensão sobre o tema e a melhora dos relacionamentos (Pranis, 2010).

2.5 Procedimentos

Após assistirem o filme “*Bullying*” (2009, 89min.), todos se deslocaram até outra sala. Para a realização do Círculo, a sala foi preparada para receber os participantes, a fim de torná-la um espaço agradável, muitas vezes considerado místico, onde os participantes sintam-se especiais e à vontade para expor suas opiniões e

sentimentos (Pranis, 2010). Para isto, foi organizado um tatame, onde os participantes sentariam. Foram ainda, colocados no centro do Círculo, os materiais que seriam utilizados, como folhas e canetas, e o próprio bastão da palavra.

O Círculo teve duração de aproximadamente duas horas, e após sua realização, a psicóloga registrou as informações do que aconteceu. A seguir serão apresentadas as etapas do processo realizado e os fatos transcorridos durante o Círculo de Construção da Paz.

2.5.1. Apresentação do filme

Neste Círculo utilizou-se como dispositivo de reflexão o filme “*Bullying*” (2009, 89 min.) do diretor Josetxo San Mateo. O filme conta a história de Jordi, um adolescente que após perder seu pai, mudou-se de cidade juntamente com sua mãe, e na escola enfrentou diversos tipos de violência. O conceito e a caracterização desta violência, o *bullying*, foi apresentado no próprio filme.

Os profissionais foram convidados a assistirem a este filme, antes deste ser passado para os adolescentes, sendo voluntária sua participação posterior no Círculo. O filme foi passado para os adolescentes, como ocorre semanalmente, e posteriormente eles foram convidados a participar do Círculo, também de forma voluntária. Uma vez que os adolescentes não são obrigados a participar de atividades no Centro, devendo apenas ficar presente no local onde ela ocorre, observando aquilo que está sendo realizado.

Antes de iniciar o filme, foi explicada para os adolescentes a proposta da atividade que aconteceria naquele dia, isto é, a realização do Círculo, assim como seus objetivos. Mais adiante será apresentada a discussão referente a este filme.

2.5.2. Cerimônia de Abertura

Após o filme, os adolescentes e profissionais foram encaminhados até uma sala, onde sentaram em círculo, em um tatame, para que se sentissem confortáveis. Em um primeiro momento do Círculo, denominado cerimônia de abertura foi realizada uma atividade de relaxamento com os participantes, que teve duração de aproximadamente dez minutos. Solicitou-se que eles fechassem os olhos e sentissem cada parte de seu corpo, assim como a sua respiração, diminuindo o ritmo do dia a dia, entrando em contato com o ritmo do próprio Círculo. Esta atividade teve como objetivo a conexão e harmonia entre os membros, a centralidade naquele espaço sagrado, para que entrassem

em contato consigo mesmo, esquecendo dos acontecimentos externos, como sugere Pranis (2010).

2.5.3 Orientações

Depois da cerimônia de abertura, explicou-se que haveria uma discussão sobre o filme, e, por conseguinte, sobre o *bullying*, buscando através da reflexão e conscientização, a diminuição destes atos. Para isto, foi explicado que seria utilizado como estratégia o Círculo de Construção da Paz, onde as pessoas partilham histórias, opiniões, através de um relacionamento respeitoso, em que cada pessoa tem valor para todos. Foi explicada a importância em haver uma escuta respeitosa, em que todos têm o direito de falar e o dever de ouvir. Explanou-se então sobre o seu funcionamento, em que apenas aquele que detivesse o bastão da palavra, poderia falar, dando a volta no Círculo de forma sequencial (Pranis, 2010).

Neste Círculo, o bastão foi representado por um espelho, que simbolizaria o reflexo de cada participante, isto é, seus sentimentos mais profundos e difíceis de serem expressos. A utilização do bastão promove a manifestação das emoções, escuta mais profunda, reflexão cuidadosa e um ritmo mais tranquilo, além de possibilitar um momento de expressão para aqueles que possuem dificuldades em falar (Pranis, 2010).

Depois das devidas explicações, foi iniciado o Círculo, onde no seu centro já estavam localizados papéis e canetas. A facilitadora solicitou que cada pessoa escrevesse em um papel os valores e atitudes que consideravam importantes para o bom funcionamento do Círculo e, conseqüentemente, para um bom relacionamento entre os participantes. Esta atividade teve como objetivo fortalecer o comprometimento do grupo, criando um local protegido que facilitasse o diálogo entre todos. Segundo Pranis (2010, p.40) “Quando os participantes escolhem conscientemente os valores que guiarão sua interação, conseguem manter mais claramente a intenção de alinharem seu comportamento com tais valores.”

Após terem escrito os valores, estes papéis foram novamente colocados no centro do círculo. Dentre os valores escritos estavam: respeito, solidariedade, compreensão, união, amizade, escuta, participação, amor, sinceridade e honestidade. Neste momento, foi explicado que estes seriam os valores que norteariam o grupo, podendo todos os participantes relembra-los, quando necessário, caso alguém os estivessem desrespeitando.

Em alguns momentos os participantes do Círculo lembraram-se do valor da escuta, quando alguém não esperava o bastão da palavra, ou seja, a sua vez para falar, e acabava interrompendo o outro. Ou quando alguém ria, ou fazia alguma “piada” em relação ao outro, era lembrado da importância de respeitar a opinião e o sentimento do colega. Ressalta-se que estes valores foram reafirmados mais no início do Círculo, quando os participantes ainda não estavam tão envolvidos e acostumados com esta abordagem.

2.5.4 Questões Norteadoras e Reflexão sobre o filme

A facilitadora solicitou que cada um falasse como estava se sentindo, naquele momento em que havia iniciado o encontro. Passando o bastão da palavra, cada participante destacou algum sentimento. Alguns disseram que estavam bem, outros afirmaram que estavam “normais”, houve aqueles que falaram que estavam iguais a antes. Alguns relataram estar com sono e fome, sendo estas suas necessidades primárias naquele momento. Houve adolescentes que disseram estarem se sentindo mal e tristes, por causa do final do filme. Outros disseram que estavam com raiva, pois consideravam que o personagem não deveria ter cometido o suicídio. Os adolescentes disseram estar sentindo-se revoltados com o que aconteceu no filme, principalmente com as pessoas que viram Jordi sofrendo e não fizeram nada. Teve também aqueles que optaram em não falar, passando o bastão da palavra para o próximo, sendo respeitado seu silêncio. Após completar o Círculo, o bastão da palavra foi passado novamente para que os participantes tivessem mais uma oportunidade de expressar ou falar o que estavam sentindo. Neste momento, caso a pessoa não tivesse nada a acrescentar poderia passar o bastão novamente. Foi o que a grande maioria fez, outros só acrescentaram a angústia que estavam sentindo em relação ao filme e o quanto ele os fez pensar.

A segunda questão levantada pela facilitadora foi se alguém já havia presenciado algo parecido com isto, e como tinha acontecido. Os adolescentes relataram que isto acontece muito, principalmente na escola. Neste momento, os profissionais relataram o que observavam no próprio Centro de Formação algumas atitudes semelhantes às mostradas no filme, como apelidos desnecessários, “brincadeiras” repetitivas, “gozações” e até mesmo agressões físicas. Um estagiário comentou sobre as brincadeiras que os adolescentes faziam com ele, e o quanto aquilo o incomodava, expressando seus sentimentos aos participantes. Após seu depoimento, quando o bastão

da palavra circulava, alguns adolescentes pediram desculpas para este estagiário, inclusive disseram que não faziam por mal e não sabiam que aquilo o prejudicava.

Como terceira questão, foi pedido aos participantes que falassem com qual dos personagens se identificaram e por quê. Alguns mencionaram que se identificaram com os amigos de Jordi, ou seja, as testemunhas, que muitas vezes presenciaram as situações de *bullying*, mas não as denunciaram. Inclusive um aluno disse que tinha um amigo que era muito perseguido por um grupo de colegas, e que como ele não sabia o que fazer, acabava não tomando nenhuma atitude para estagnar esta situação.

Outros disseram se identificar com os amigos dos agressores, sendo assim também testemunhas das agressões sofridas por Jordi. Os adolescentes disseram que já viram seus amigos humilhando outros, e não fizeram nada. Inclusive alguns disseram que riam da situação, mas acreditavam não serem agressores como seus amigos. Alguns referiram que acabavam achando engraçado aquilo que seus amigos faziam, como as humilhações e maus tratos aos outros. Entretanto, através do filme, viram o quanto é importante que as testemunhas tomem algumas atitudes, o quanto elas podem salvar a vida de uma pessoa, ajudando a vítima, denunciando o agressor.

Uma profissional disse que já se identificou com as testemunhas, pois quando adolescente saía com um grupo que se considerava “popular”, e estes seus amigos “aprontavam” com outros (sic). Elas, como estavam acompanhando, mesmo não fazendo o mesmo que eles e não concordando com suas atitudes, acabavam sendo testemunhas desta violência.

Um menino disse que se identificava com o agressor, pois cometia “*bullying*” (sic) na escola e no próprio Centro de Formação. Ao falar sobre isto, disse que era agressivo com alguns colegas, colocando apelidos, agredindo fisicamente, pois eles faziam o mesmo com ele. Após seu relato, muitos concordaram que cometiam comportamentos agressivos contra outros colegas como forma de defesa, para se proteger de algumas humilhações que sofriam. Relataram que aquele que comete este ato acaba sendo respeitado, pelo medo que seus pares sentem dele, assim, ninguém “mexia” mais com eles.

Foi questionado como eles sentiam-se ao cometer este tipo de ato. Alguns falaram que são momentos de raiva, e que em muitos momentos não passava nada na cabeça. Outros, relataram que ao chegarem em casa se arrependiam de tais atos, mas que não podiam fazer mais nada. E teve aqueles que disseram não gostarem de agir

desta forma, mas que o faziam sem saber o motivo para tal atitude. Outros disseram que era uma forma de “descontar” no outro aquilo que faziam com ele.

Uma profissional disse que se identificava com a vítima, pois quando criança sofria *bullying* dos próprios irmãos. Relatou que constantemente era depreciada, sendo chamada de “feia”, “burra” (sic), o que prejudicou sua autoestima e confiança. Disse que foi amadurecendo, e que com o tempo acabou não dando mais valor para aquilo que lhe era falado, conquistando novamente sua autoconfiança.

Um dos adolescentes referiu que conhecia um colega seu que sofria muito “*bullying*” (sic) tanto na escola quanto em sua própria casa. Relatou ainda que os colegas riam dele quase que diariamente, o humilhavam, e que ele sofria muito com isto. Após este seu discurso, o bastão da palavra passou novamente por todo o Círculo. Quando chegou neste mesmo adolescente, ele revelou que este colega do qual ele estava falando era ele mesmo. E neste momento, começou a chorar compulsivamente, dizendo o quanto sofria, pois não se sentia aceito nem na escola e às vezes nem em casa. Este foi um momento em que todos ficaram emocionados, pois este menino sempre teve muita dificuldade em se expressar e até mesmo no relacionamento com os próprios colegas do Centro de Formação. Quando o bastão passou para os outros colegas, eles puderam dizer que agora o grupo iria começar a defendê-lo, que quando ele precisasse poderia chamá-los. Um deles inclusive disse que iria com ele na escola, para que mais nada acontecesse. Neste momento, pode-se observar um sentimento de empatia e proteção destes colegas com este adolescente.

Outro adolescente disse que se identificava com Jordi, a vítima do filme. Segundo ele, também foi vítima de “*bullying*” (sic) na escola. Relatou que sofreu violência física e verbal por uns dois anos, que seus colegas o perseguiram, e ele não sabia como se defender. Disse que chegou a comentar o fato com a diretora que, segundo ele, nada fez. Emocionado, afirmou que sofreu muito durante estas situações, pensando até mesmo em suicídio. Contou que a situação só mudou quando trocou de turno da escola. Hoje diz ter muitos amigos, e que um acaba protegendo o outro.

Quando questionado o que eles achavam que deveria acontecer com os agressores, a grande maioria disse que achava que quem deveria morrer eram eles e não a vítima, não gostando do final do filme. Outros disseram que eles deveriam ter levado uma surra da vítima, que esta deveria ter enfrentado seus agressores. Houve aqueles que responderam que os agressores deveriam ter sido presos por todas as maldades cometidas. Nesta pergunta, percebeu-se que muitos adolescentes estavam sentindo

muita raiva dos agressores, demonstrando até mesmo agressividade nas suas falas e resolvendo o “*bullying*” novamente com a violência.

Ainda foi questionado que atitudes poderiam ter sido tomadas para não chegar ao final igual ao do filme, ou seja, o suicídio da vítima. Um dos adolescentes disse que se os amigos da vítima tivessem denunciado os agressores, talvez isto não tivesse acontecido. Para outros, o adolescente vítima de *bullying* deveria ter contado para a mãe o que estava acontecendo, confiando nela, que com certeza iria ajudá-lo. Outro disse que caso ele não quisesse contar para mãe para não preocupá-la, deveria ter pedido ajuda para outra pessoa, seja na escola e/ou para um conhecido que se mostrasse preocupado com ele.

2.5.5 Cerimônia de Fechamento do Círculo

Como fechamento do Círculo, o bastão da palavra foi passado e pedido que cada participante dissesse uma palavra que simbolizasse como eles estavam se sentindo. Esta etapa tem como objetivo o reconhecimento dos esforços dos participantes no Círculo; fortalecer a interrelação dos envolvidos e prepará-los para realidade (Pranis, 2010). Alguns participantes disseram estar sentindo-se normal, bem como no início do Círculo, outros relataram que estavam tranquilos. Houve aqueles que falaram que estavam sentindo-se aliviados, em poder falar sobre aquilo que estavam sentindo, sobre a angústia que sentiram ao verem o filme e que depois disto, sentiam-se melhor. Outros disseram que estavam pensativos, uma vez que o Círculo, os fez pensar o quanto uma “brincadeirinha” pode fazer mal a uma pessoa, mesmo algumas vezes, não sendo esta a intenção. Um adolescente disse ainda, que “nunca mais” (sic) iria colocar apelidos, rir e brigar com os outros, pois percebeu o quanto isto pode fazer mal as pessoas. Muitos participantes disseram que o Círculo os fez refletir e conhecer um pouco mais sobre seus colegas. Aqueles adolescentes que expuseram seu sofrimento, sua angústia durante o Círculo, acabaram sendo atendidos individualmente pela psicóloga, que buscou compreender a situação relatada e intervir quando necessário.

DISCUSSÃO

Neste capítulo pretende-se discutir os aspectos avaliativos da atividade relatada. A avaliação desta atividade foi feita em dois momentos, de maneira informal, isto é, não foi planejada e nem seguiu padrões técnicos, com indicadores avaliativos (Tanaka & Melo, 2004). Em um primeiro momento, aconteceu com os profissionais do Centro de Formação e posteriormente com os participantes do Círculo. Esta avaliação foi baseada na observação diária do comportamento dos adolescentes, que eram constantemente observados pelos profissionais do Centro, assim como por eles próprios, que acabaram prestando mais atenção nas atitudes uns dos outros. Além disto, os envolvidos puderam expressar suas opiniões sobre suas atitudes e de seus colegas, através de um segundo Círculo, e também nas atividades grupais e nos atendimentos individuais com os adolescentes.

Os profissionais, logo após a realização do Círculo, se reuniram para discutir e refletir sobre a experiência que haviam vivido. Todos a consideraram satisfatória, por poderem, através desta experiência, conhecer melhor os adolescentes e por vivenciarem o sofrimento e até mesmo angústia por parte de alguns. Além disto, puderam observar a exposição de muitos, que possuem dificuldades em falar sobre si e expressarem aquilo que sentiam. Isto deixou os profissionais até mesmo mais receptivos em relação àqueles adolescentes, compreendendo inclusive alguns de seus atos, como agressividade, dificuldades em lidar com os limites e a pouca participação nas atividades.

Além disto, depois de um mês foi realizado novamente um Círculo com todos envolvidos, com o objetivo de ouvir dos participantes o que eles haviam observado após a realização do primeiro Círculo. Segundo os relatos dos profissionais e dos próprios adolescentes, após a participação nesta experiência, os adolescentes estavam mais unidos e respeitando-se mais. Eles relataram que buscavam se controlar mais, na colocação dos apelidos nos colegas, pois mesmo que consideravam uma “brincadeira”, perceberam os resultados negativos que ela poderia causar.

Em relação à união entre eles, disseram estarem tentando não excluir mais nenhum colega, como acontecia antes, incluindo ainda aquele que estava sempre sozinho. Relataram estarem andando sempre juntos, conversando mais, interessados sempre em saber o que se passa um com o outro. Isto também pode ser observado pelos profissionais, ao verem estes adolescentes chegarem juntos ao Centro, preocupando-se um com o outro, ao pedirem aos profissionais ajuda para auxiliar o colega, que em

alguns momentos não estava bem. Desta forma, eles começaram a olhar e se sensibilizar mais com o colega, sentir aquilo que o outro estava sentindo, se ele estava triste, com raiva, buscando sempre ajudar. Surgiu um sentimento de proteção muito grande entre eles, que passaram a se defender, mesmo que em alguns momentos não tivessem razão, como quando era chamada a atenção destes adolescentes pelos profissionais.

Passaram a sentir-se mais a vontade com os próprios colegas e profissionais, aqueles que eram mais afastados, começaram a se aproximar. Os profissionais relataram também a aproximação e a afetividade destes adolescentes com eles. Isto porque, o Círculo os aproxima de forma igualitária, uma vez que eles conseguem ver que o outro também já passou por situações semelhantes as suas, e está ali de forma igual, para compartilhar suas experiências e até mesmo suas alegrias e sofrimentos (Pranis, 2010).

Isto foi um efeito não previsto por esta intervenção (Tanaka & Melo, 2004) observado a partir da realização do Círculo, uma vez que através da participação destes profissionais, houve uma identificação por parte dos adolescentes, ao ouvirem os sentimentos e opiniões de forma respeitosa e igualitária por todos. Esta aproximação foi observada através dos cumprimentos diários, por parte dos adolescentes, na entrada e saída do Centro, sendo que antes eles não davam valor a isto; através da afetividade por parte deles com os profissionais, demonstrados através dos simples abraços, da proximidade e das palavras de afeto. Após o Círculo, os adolescentes passaram a procurar mais os profissionais para conversarem sobre diversos assuntos, como família, amigos, namorados (as), falarem sobre seus sentimentos. E principalmente sentiram-se mais a vontade para exporem os desrespeitos que observavam entre os colegas, tanto aqueles que sofriam, quanto aqueles que testemunhavam, como os apelidos dados, as “brincadeiras” e até mesmo agressões sofridas no Centro. Enfim, foi criado um vínculo consistente entre ambos, que possibilitou o aumento do respeito e da confiança. Isto porque antes os adolescentes mostravam-se mais distantes, com muita dificuldade em expressar suas emoções e confiar entre si.

Além disto, o Círculo serviu para certo monitoramento entre os adolescentes, frente as suas atitudes, relacionado ao *bullying*. Quando alguém tinha alguma atitude negativa no Centro, seja ao brigar com o colega, ou ao fazer “brincadeiras” que ofendiam, eles citavam o filme e falavam sobre o *bullying*, como forma de chamar atenção ao fato e ao colega frente as suas atitudes. Isto foi observado pelos profissionais, durante suas oficinas e até mesmo no tempo livre dos adolescentes, que são sempre acompanhados.

De acordo com as observações realizadas pelos profissionais, e pelos seus relatos e dos participantes, o Círculo proporcionou uma reflexão e discussão sobre o fenômeno do *bullying*, possibilitando mudanças de atitudes como as descritas acima, e conseqüentemente, a redução de apelidos, “brincadeiras”, intolerância, desrespeito e agressões. Todos perceberam uma melhora no relacionamento e confiança entre eles, mas também relataram que ainda existiam, em menor número, casos de desrespeito. Desta forma, o Círculo contribuiu para uma conscientização sobre o *bullying*, provocando mudanças pontuais, que colaborou para um melhor relacionamento entre os envolvidos.

A avaliação do resultado deste Círculo foi baseada nos relatos dos profissionais e dos adolescentes, e na observação das atitudes dos adolescentes, seja na sua forma de agir, de falar, podendo desta forma, ser considerada uma avaliação assistemática, uma vez que não levou em conta a sistematização das informações e os indicadores levantados.

Compreende-se que para avaliar as ações, características e os resultados de um programa é necessário a coleta sistemática de informações, onde a aplicação dos critérios podem ser defendidos, para assim determinar a relevância, a qualidade, a efetividade e a importância desta ação. E com isto, podem-se gerar recomendações para a melhora desta ação e informações para a prestação de contas sobre o trabalho desenvolvido (Chianca, 2001 in Borba, Farah, Fedato, Filho & Pires, 2004).

Esta avaliação foi pontual, diante dos efeitos após o Círculo, com duração de apenas alguns meses. Entretanto, sabe-se da grande valia em se avaliar o processo durante ao longo do tempo, como forma de reflexão sobre a ação, e conseqüentemente, a aprendizagem.

Sugere-se que em outro momento, para que seja avaliado o Círculo, haja uma definição dos indicadores e uma coleta de dados mais sistemática, para detalhar se os objetivos da ação foram alcançados, ao longo do tempo determinado. Os indicadores de resultados desta ação poderiam ser definidos através da:

- Diminuição de queixas relacionadas a atos de agressões repetitivas, como o *bullying*;
- Mudança de atitudes entre colegas, como mais respeito, diminuição dos apelidos e das “brincadeiras” depreciativas;
- Aumento de denúncias sobre a prática de *bullying*.

Entende-se que se houver diminuição de queixas relacionadas aos atos de agressões repetitivas, o Círculo poderá ter contribuído para a reflexão e mudanças de comportamento destes adolescentes. Para avaliar se houve esta diminuição, pode-se comparar e analisar os registros do marco zero, isto é, anteriormente ao Círculo, e os registros posteriores a ele. Para isto, será necessário que os profissionais se habituem a registrar os acontecimentos relacionados ao *bullying*, como agressões físicas, verbais, exclusões e desrespeitos. Sendo imprescindível descrever a ação e os envolvidos nela, uma vez que será considerado *bullying*, três ou mais ações violentas contra uma mesma pessoa. É importante que estes registros estejam a disposição dos profissionais, podendo estar localizados na coordenação. Para isto, é de grande relevância que os profissionais tenham a clareza de que comportamentos podem se configurar como *bullying*, por isto a necessidade de terem conhecimento sobre este assunto, que pode ser através de capacitações, estudos de caso, discussões sobre o tema.

Através da observação dos profissionais e dos próprios adolescentes poderão ser avaliadas as mudanças de atitudes entre os colegas, isto é, diminuição de apelidos, agressões físicas e verbais, entre outros. Estas observações dos educadores poderão ser discutidas semanalmente no dia do planejamento, juntamente com o diário de campo que pode ser elaborado durante todas as atividades dos profissionais, referente as atitudes dos adolescentes. A partir desta discussão serão analisadas as mudanças de comportamento dos adolescentes.

O último indicador pode ser considerado o oposto do primeiro, mas entende-se que caso haja um aumento de denúncias sobre a prática de *bullying*, o trabalho realizado está sendo satisfatório, uma vez que com o maior conhecimento do assunto, das suas conseqüências, e das diferentes formas de ajuda e prevenção, os adolescentes têm mais facilidade em identificar estes atos e denunciá-los. Isto poderá ser analisado através dos registros posteriores ao Círculo, comparados aos registros anteriores. O aumento de denúncias demonstrará que os adolescentes estão sendo mais protetivos uns com os outros, observando mais os comportamentos dos colegas.

A partir destes indicativos, torna-se importante que o processo avaliativo e de aprendizagem sejam contínuos, para verificar se os objetivos da ação estão sendo alcançados e se estão tendo efeitos para os participantes, sendo necessário um controle dos resultados desejados (Filho, Borba, Farah, Fedato & Pires, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência ficou evidente que não há uma receita mágica para reduzir o *bullying*, uma vez que este é um fenômeno complexo e que despertou recentemente o interesse de pesquisadores na área. Desta forma, ainda há questões que deveriam ser melhor investigadas, sendo uma delas, as próprias estratégias encontradas ou propostas para redução desta violência.

É importante destacar que muitas instituições ao se depararem com o *bullying* que lhes acomete não sabem como agir, uma vez que elas não estão preparadas para enfrentar este fenômeno. Além disto, esta violência em alguns momentos passa a ficar cristalizada no cotidiano da instituição, que dificilmente consegue dar outro olhar para os envolvidos neste fenômeno. Porém, através desta experiência, pode-se ver a importância em dar um novo olhar para as relações, sendo que o Círculo de Construção da Paz pode contribuir para isto, possibilitando o desenvolvimento da empatia e do respeito mútuo, que passam a serem valores significativos nos relacionamentos.

Como pôde se observar neste trabalho já existe na literatura algumas propostas e medidas para tentar combater o *bullying* nas escolas. Entretanto, não há experiências muito detalhadas destas intervenções. Por isto, a relevância em relatar experiências que possuíram resultados positivos frente à prevenção e redução do *bullying*.

Neste relato, o Círculo de Construção da Paz serviu como estratégia a esta violência, por ser um método que prioriza a escuta e o respeito pelo outro, pela sua opinião e por suas diferenças. Através do contar histórias, há uma aproximação e mobilização entre os envolvidos, podendo despertar valores tão necessários para a redução do *bullying*. Isto se aproxima ao que foi encontrado na literatura, onde ações ditas positivas priorizam a tolerância, a solidariedade e o respeito às diferenças. O Círculo prioriza a relação de igualdade entre os envolvidos, o que é positivo, uma vez que sabe-se que o *bullying* pode ser potencializado com relações desiguais de poder.

Além disto, a inclusão dos profissionais nesta intervenção contribuiu para a identificação entre os participantes, e a sensibilização para lidar com esta violência. Por isto a importância de que as estratégias encontradas tenham um significado para os sujeitos nela presentes. Há sugestões de que o trabalho de prevenção e redução ao *bullying* seja realizado com toda esfera do indivíduo, isto é, todo seu contexto e suas relações, incluindo família, comunidade, professores, funcionários. Desta forma, como

sugestão poderão ser desenvolvidos Círculos com estes, com o objetivo de conscientizá-los sobre este fenômeno, aproximando-os mais da instituição.

Como este trabalho trata-se de um relato de experiência de um Círculo realizado em um Centro de Formação de Caxias do Sul, os resultados encontrados acabam sendo restritos a este local, o que pode acabar limitando o trabalho. Por isto, sugere-se que sejam realizados outros estudos sobre o tema, podendo utilizar os dados ora obtidos, e buscando analisar outras experiências de Círculos de Construção da Paz relacionados ao *bullying*. Sabe-se que os efeitos desta intervenção não foram avaliados de forma sistemática, podendo ser esta uma sugestão para avaliação de novas intervenções. Uma vez que esta sistematização pode contribuir para aprendizagem e aperfeiçoamento da ação realizada e de possíveis novas ações. Isto ampliaria ainda mais o estudo, possibilitando demonstrar os efeitos do Círculo em relação à prevenção e redução do *bullying*.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. & Rua, M. das G. (2003). *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO.
- Almeida, S.B; Cardoso, L.R.D. & Costac, V.V. (2009). Bullying: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar [Versão eletrônica]. *Psicol.Argum.*, 27(58), 201-206.
- Araújo, A. P. (2010). *Círculo Restaurativo na escola: semente da paz*, 1-10. Acesso em 12 de Outubro, 2011, de http://www.justica21.org.br/interno.php?ativo=BIBLIOTECA&sub_ativo=RESUMO&artigo=442
- Calbo, A.S.; Busnello, F.B.; Rigoli, M.M.; Schaefer, L.S. & Kristensen, C.H. (2009). *Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares*. *Contextos Clínicos*, 2 (2), 73-80.
- Camacho, L. M. Y. (2001). As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes [Versão Eletrônica]. *Educação e Pesquisa*, 27 (01), 123-140.
- Estrela, M.T. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto/Portugal: Porto Editora.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus.
- Filho, M. A. F.M. ; Borba, P. R. F. ; Farah, M. L. ; Fedato, M. C. L. & Pires, J. T. (2004). Monitoramento e avaliação de programas e projetos sociais:Desenvolvimento de um plano de avaliação. In: VII SEMEAD - USP. Resumo de trabalhos do VII Semead, São Paulo, Brasil.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia do Oprimido*, 38º Ed.. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A.
- García, M. & Madriaza, P. (2006). Estúdio cualitativo de los determinantes de La Violência Escolar in Chile [Versão Eletrônica]. *Estudos de Psicologia*, 11 (03), 247-256.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009). *Pesquisa Nacional de Saúde Escolar*. Acesso em 18 de Abril, 2011, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>.
- Lemos, A.C.M. (2007). Uma visão psicopedagógica do *bullying* escolar. *Revista Psicopedagogia*, 24(73), 68-75.
- Liberal, E. F; Aires, R. T; Aires, M. T. & Osório, A.C. (2005). Escola Segura. [Versão Eletrônica]. *Jornal de Pediatria*, 81(05), S155-S163.

- Lisboa, C.S.M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Dissertação de doutorado não-publicado, Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Brasil.
- Lisboa, C.; Braga, L. L. & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre os pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção [Versão Eletrônica]. *Contextos Clínicos*, 2 (1), 59-71.
- Lopes Neto, A. A. (2005a). *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.
- Lopes Neto, A.A. (2005b). *Diga não para o bullying. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia.
- Martins, M. J. D. (2005). O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 93-105.
- Mendes, C.S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(3), 581-588.
- Moura, D. R.; Cruz, A. C. N. & Quevedo, L.A. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *Jornal de Pediatria*, 87(1), 19-23.
- Neiva-Silva, L. & Carvalho, F. T. (2007). Adolescência e drogas: Intervenções possíveis. In C. S. Hutz (Org.), *Prevenção e Intervenção em Situações de Risco e Vulnerabilidade* (pp. 163-204). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto, Portugal: Imprensa Portuguesa.
- Pino, A. (2007). Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo [Versão Eletrônica]. *Educação e Sociedade*, 28 (100-Especial), 763-785.
- Pizarro, H. C., & Jiménez, M. I. (2007). Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Revista Educación*, 31(1), 135-144.

- Plan (2009). *Pesquisa: Bullying Escolar no Brasil*. Acesso em 11 de Abril, 2011, de <http://www.aprendersemmedo.org.br/>.
- Pranis, K. (2010). *Teoria e Prática : Processos Circulares*. São Paulo: Palas Athena.
- Róldan, A.G. (Roteirista), & San Mateo, J. (Diretor).(2009). *Bullying* [Filme]. Espanha: Paris Filmes.
- Tanaka, O.Y. & Melo, C. (2004). *Avaliação de programas de saúde do adolescente: Um modo de fazer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Toro, G.V.R.; Neves, A.S. & Rezende, P.C.M. (2010). *Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social*. *Psicologia Teoria e Prática*, 12 (1), 123-137.
- Tortorelli, M.F.P.; Carreiro, L.R.R. & Araújo, M.V. (2010). *Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo*. *Psicologia Teoria e Prática*, 12 (1), 32-42.